

Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião

anais.est.edu.br/genero

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO



PRINCÍPIOS DA SORORIDADE NA VIDA E NA BÍBLIA

PRINCIPLES OF SORORITY IN LIFE AND THE BIBLE

Cristina Scherer*

Resumo

O presente artigo aborda a experiência de mulheres como elemento essencial para a Teologia Feminista. Ressalta a importância das experiências vivenciadas pelas mulheres, entre elas a amizade, e conceitua a amizade entre mulheres denominada “Sororidade”. Esta vivência entre mulheres é um fator que contribui para o empoderamento e relações de confiança entre mulheres. O texto pretende dar visibilidade aos exemplos de sororidade advindos da Sagrada Escritura como inspiração e motivação para a vivência sorória nos dias atuais, ressaltando o valor em espaços que favorecem uma caminhada coletiva, em parceria, partilha e apoio mútuo entre mulheres..

Palavras-chave: Sororidade. Teologia Feminista. Experiência cotidiana de vida. Amizade entre mulheres na Bíblia .

Abstract

This article discusses the experience of women as an essential element for Feminist Theology. It emphasizes the importance of the experiences lived by women. The friendship is one of them. And this one conceptualizes the friendship between women denominated "Sorority" or "Sisterhood". This experience among them is a factor that contributes to women's empowerment and relationships of trust. The text intends to give visibility to the examples of sorority (sisterhood) coming from Sacred Scripture as inspiration and motivation for the present day, it highlights the value in spaces that favor a collective walk, in partnership, sharing and mutual support among them.

Keywords: Sorority (sisterhood). Feminist Theology. Daily life experience. Friendship between women according to the Bible.

Considerações Iniciais

* Pastora e Teóloga da IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil), mestranda desde jul. 2016 na Faculdades EST, São Leopoldo-RS, em Teologia, Área de Gênero, Feminismos e Diversidade, como bolsista da Igreja da Suécia. Este artigo é parte da pesquisa de Mestrado com o título provisório: “Sororidade na vida de mulheres ordenadas na IECLB: força motivadora para o ministério”, sob a orientação do Prof. Dr. André Sidnei Musskopf.

A teologia feminista ocupa-se com a vida cotidiana do ser humano. Volta-se, de maneira especial, para as experiências que as mulheres têm na vida e aprofunda como essas experiências marcam e norteiam suas decisões e ações. A teologia feminista tem o propósito de instrumentalizar as pessoas para a promoção da vida, com respeito, dignidade, valorizando a história de cada ser humano. Neste sentido olha para as experiências que as mulheres têm, percebe e valoriza suas ações.

A Teologia Feminista tem aplicado as categorias teológicas tradicionais à experiência das mulheres, que não é homogênea, mas plural, multicultural, pluriétnica. Denunciando a situação de opressão das mulheres no contexto do patriarcado, as feministas procuram analisar as situações de injustiça social, de sexismo, de racismo, propondo estratégias para superá-las. Do ponto de vista metodológico, entendemos que o nosso lugar social determina nossa interpretação do que é a experiência das mulheres. A forma de apreender o mundo, de interpretar a realidade, é determinada pelas intersecções de gênero, raça, classe, idade e orientação sexual¹.

Quando a experiência da vida das mulheres em seu cotidiano é abordada, um tema perpassa a vida das mulheres: a amizade. A amizade é uma relação baseada na confiança e na liberdade. É antiga e perfaz a vida da humanidade, superando tempo e espaço. Pessoas, grupos e entidades tem se ocupado com o tema da amizade. Importa aqui valorizar esta experiência no cotidiano de vida das mulheres e olhar para a Sagrada Escritura à luz da sororidade.

A amizade é uma relação de respeito e afeto entre as pessoas. Especialmente entre mulheres, a vivência da sororidade é libertadora e fortalece o poder vital que sustenta, sacia e fortalece as ações das mulheres nos diferentes âmbitos da vida. A amizade é uma relação que se difere das demais nas relações humanas. É uma relação que conduz à liberdade e que se cria a partir da liberdade.

A base da amizade é a liberdade, e nela radica uma parte de sua força: todas as demais relações estão marcadas pelo dever, a utilidade ou o desejo; porém na amizade, uma vez elegida, cria-se um vínculo que é um dos mais fortes que podem estabelecer-se: o da confiança².

¹ TOMITA, Luiza Etsuko. A Teologia Feminista Libertadora: Deslocamentos Epistemológicos. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. [Anais eletrônicos]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010, p. 5. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278455084_ARQUIVO_FAZENDOGENERO.final.pdf>. Acesso em: 05 out. 2016.

² MCFAGUE, Sallie. *Modelos de Dios – Teología para uma era ecológica y nuclear*. Santander: Sal Terrae, 1994, p. 269. (Tradução nossa)

A sororidade propõe um pacto de aliança, de fortalecimento, de cumplicidade e deseja transformar as relações de injustiça e dominação presentes na sociedade.

A sororidade é a aliança feminista entre as mulheres. Sororidade (do latim soror, sororis, irmã, e -idade, relativo a, qualidade de; em francês, sororité, em italiano, sororità, em espanhol, sororidad e soridad, em inglês, sisterhood); enuncia os princípios éticos-políticos de paridade, ausência de hierarquia patriarcal, e relação paritária entre mulheres. Termos relativos: sororal, sorória, em sororidade³.

Do cotidiano de vida à teologia: princípios da sororidade

O apoio mútuo e a união entre as mulheres faz parte da experiência cotidiana de vida. Elas participam em grupos de confiança, partilham a vida com dores, alegrias, sonhos e conquistas, fortalecem em rede o vínculo da amizade. Superam dificuldades e animam-se com abraços, sorrisos, partilhas de sonhos, desejos, alegrias, superações. Na vivência da amizade entre mulheres há espaço para o choro, a partilha de dores e lamentos em coletividade, onde há duas ou mais mulheres juntas. A este pacto de amizade a teologia feminista nomeia de sororidade. A sororidade é um elemento que transforma a vida das mulheres inseridas num contexto social de opressão e exclusão, inimizade e competitividade. A sororidade cria relações justas numa sociedade fundamentada na injustiça das relações de gênero. Segundo Mónica Pérez, “a palavra sororidade deriva-se da irmandade entre mulheres, o perceber-se como iguais que podem aliar-se, compartilhar e, sobretudo, transformar sua realidade devido ao fato de que todas, de diversas maneiras, temos experimentado a opressão.”⁴

A participação de mulheres em grupos e redes de apoio colabora para que sejam agentes de libertação, ouvindo, apoiando e encorajando umas às outras para tomada de decisões e ações em favor da vida. Na vivência do coletivo ocorre uma dinâmica de poder-com, do poder relacional, do poder que defende a vida onde é necessária a criação e manutenção de redes de apoio que une, encoraja e empodera as mulheres. Este poder não é destrutivo, não gera competição ou rupturas. É o poder que a teologia feminista apresenta e aposta na relação entre mulheres e deseja expandir para toda a humanidade: o poder em relação e a força da circularidade em contraposição ao individualismo e o poder domínio

³ LAGARDE y DE LOS RIOS, Marcela. *El feminismo em mi vida – hitos, claves e topías*. México: Instituto de las Mujeres del Distrito Federal, 2012, p. 543. (Tradução nossa)

⁴ PÉREZ, Mónica. *Sororidad: nueva práctica entre mujeres*. México: CIMAC, 2004. Disponível em: <<http://www.mujeupalabra.net/pensamiento/analisisfeminista/sororidad.htm>>. Acesso em: 10 out. 2016. (Tradução nossa)

opressor. Romper com o círculo da competição, da misoginia e da dominação patriarcal entre mulheres é o propósito da sororidade.

As relações de inimizade e ódio cultivadas entre as mulheres são resultados da organização patriarcal do mundo e estimuladas através de processos educativos escolares e não escolares e também pela forma como ocorre a socialização de gênero. Cada mulher aprende a ser competitiva com outra mulher através da mediação de classe, raça, etnia, geração, religião. Desse modo, elas estabelecem entre si eixos hierárquicos de domínio e de opressão de umas sobre as outras. As mulheres acabam reproduzindo formas autoritárias de maneira acrítica⁵.

Diante do individualismo e da competitividade, importa olhar para o coletivo que gera espaços de comunhão, construções e decisões que são frutos da parceria, do diálogo, do poder do amor, da força que provém da convivência, da mutualidade e sororidade. Apoio, empatia, solidariedade são elementos libertadores para a ética feminista sendo que a partilha do conhecimento e de experiências de vida e sabedoria liberta e empodera para o crescimento. Essa partilha não ocorre de forma isolada, mas em grupo, onde mulheres planejam e agem juntas, em sororidade.

Este pacto de amizade entre mulheres é tecido no meio da família, escola, trabalho, igreja, sociedade, em todos os âmbitos da vida os grupos de interesse são essenciais e centrais para a vida. As mulheres formam pactos de amizade e apoio com outras mulheres em seu cotidiano entre amigas, irmãs, familiares, colegas, vizinhas, testemunhado a experiência da sororidade que empodera mulheres para a ação, pois agir juntas é melhor do que em solidão e individualismo. “Já viu protesto de uma pessoa só? Se uma voz é uma voz, várias vozes são uma multidão. Estarmos juntas é progresso na certa, é jogo ganho.”⁶

Para as mulheres a vida em grupo de mulheres proporciona um espaço onde o empoderamento acontece e é gerado a partir da confiança, do pacto de amizade, do apoio, do encorajamento para vivenciar as diversas situações na vida cotidiana. A amizade entre mulheres é definida pela teóloga feminista, Mary E. Hunt, como elemento político de transformação pessoal e social.

Penso a amizade não como uma categoria menos importante depois do casamento, mas como uma experiência potencialmente universal das relações humanas feitas de amor, poder/força, sexualidade e espiritualidade. A amizade é

⁵ BECKER, Márcia Regina; BARBOSA, Carla Melissa. Sororidade em Marcela Lagarde y de los Ríos e experiências de vida e formação em Marie-Christine Josso e algumas reflexões sobre o saber fazer-pensar nas ciências humanas. *Cosas do Gênero*, São Leopoldo, vol. 2 no. 2, ago./dez. 2016, p. 246. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero/article/view/2883/2687>>. Acesso em: 25 set. 2016.

⁶ SOUZA, Babi. *Vamos juntas?* – O guia da sororidade para todas. Rio de Janeiro: Galera, 2016, p. 78.

disponível para todos; o casamento é disponível para algumas pessoas. As amizades vêm em uma infinidade de formas, mas a amizade feminina, que a antiga filosofia grega, por exemplo, nem sequer reconhecia, é uma fonte de incrível energia para a mudança social assim como para a satisfação pessoal⁷.

A vivência da sororidade encoraja, enche de poder, de vontade para agir em favor da vida, empodera a mulher para amar-se e amar outras mulheres na caminhada da vida e em defesa da vida. “No momento em que passamos a fazer o exercício de amar a mulher ao lado, automaticamente, passamos a amar mais a nós mesmas, e desenvolvemos autoconhecimento através da empatia.”⁸

Sororidade a partir da Bíblia

As narrativas dos textos da Sagrada Escritura do cristianismo podem ser analisadas a partir da sororidade. As mulheres bíblicas agem juntas, são empoderadas e empoderam umas às outras, lutam juntas em defesa da vida e de seus direitos. Agem com respeito e amor umas para com as outras. São amigas em diversas situações do cotidiano de vida. Dar visibilidade às histórias e relações de sororidade que a Sagrada Escritura nos revela é um exercício libertador e motivador para a ação de mulheres. Neste artigo são lembrados alguns exemplos de amizade, pacto e aliança entre mulheres a partir da Sagrada Escritura e como os mesmos nos desafiam e inspiram em nossas relações sorórias hoje.

Sororidade nas situações de Cuidado Pastoral

Ao olhar atentamente para as relações de sororidade presentes na Bíblia, percebe-se a força das relações entre as mulheres. Esta força relacional é componente que empodera, liberta e movimenta as mulheres para ações solidárias como expressão de estima e amizade. Um texto bíblico que retrata esta experiência de mulheres é de Atos 9.36-42:

E havia em Jope uma discípula chamada Tabita, que traduzido se diz Dorcas. Esta estava cheia de boas obras e esmolas que fazia. E aconteceu naqueles dias que, enfermando ela, morreu; e, tendo-a lavado, a depositaram num quarto alto. E, como Lida era perto de Jope, ouvindo os discípulos que Pedro estava ali, lhe mandaram dois homens, rogando-lhe que não se demorasse em vir ter com eles. E, levantando-se Pedro, foi com eles; e quando chegou o levaram ao quarto alto, e

⁷ HUNT, Mary. A noção de sexo entre iguais é uma contribuição lésbica ao pensamento ocidental. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, no. 199, Ano VI, 09 out. 2006. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=472&secao=199>. Acesso em: 10 out. 2016.

⁸ SOUZA, 2016, p. 78-79.

todas as viúvas o rodearam, chorando e mostrando as túnicas e roupas que Dorcas fizera quando estava com elas. Mas Pedro, fazendo sair a todos, pôs-se de joelhos e orou: e, voltando-se para o corpo, disse: Tabita, levanta-te. E ela abriu os olhos, e, vendo a Pedro, assentou-se. E ele, dando-lhe a mão, a levantou e, chamando os santos e as viúvas, apresentou-lha viva. E foi isto notório por toda a Jope, e muitos creram no Senhor. (At 9.36-42)

A história de Tabita revela um grupo de mulheres solidárias, amigas, companheiras, que estão com ela mesmo após sua morte, chorando, lamentando a perda da irmã na missão, irmã na vida. São mulheres que faziam parte do grupo de amizade e se fortaleciam mutuamente na missão, na diaconia, no testemunho do Evangelho por palavras e ações: “[...] as viúvas estão ‘junto com’ Tabita, isto é, não lhe estão subordinadas nem dela simplesmente recebem assistência social, mas estão irmanadas pela fé e pelas obras das mãos (tecidos e roupas) que realizavam conjuntamente.”⁹

Sororidade na Gravidez

Outro exemplo de sororidade é a companhia e fortalecimento que tiveram Maria e Isabel em Lc 1.39-56. Maria permanece com Isabel por três meses após receber a notícia que seria mãe de Jesus, o Messias. Este período em que permanecem juntas é especial para fortalecer os laços de entre duas mulheres ligadas pelo parentesco que são amigas, solidárias, sábias, corajosas, testemunhas da vida e da fé em Deus. Duas mulheres que vivenciaram a sororidade e foram empoderadas para agir, Isabel e Maria, mães de João Batista e Jesus, mulheres corajosas e autônomas de suas decisões. Maria vai ao encontro de Isabel e a abraça, busca seu apoio, sua compreensão, são fortalecidas mutuamente, cf. Lucas 1.39s. Para a teóloga feminista Schüssler Fiorenza este é o ponto central dos textos dos evangelhos que apresentem Maria, a fim de dialogar sobre uma comunidade de discipulado de iguais: “Myriam, a jovem assustada que embarca numa viagem árdua pela terra montanhosa para buscar apoio de outra mulher, precisa se tornar o centro da atenção feminista.”¹⁰ Maria e Isabel (Lc 1.39ss) – visita na gravidez - Sororidade que empodera para agir, tomar decisões, fortalecimento para uma nova fase da vida. Maria toma a iniciativa de visitar sua prima e de partilhar a vida num momento especial.

⁹ RICHTER REIMER, Ivoni. *Maria, Jesus e Paulo com as mulheres – textos, interpretações e história*. São Paulo: Paulus, 2013, p. 76.

¹⁰ SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. Mariologia, Ideologia de Gênero e o Discipulado de Iguais. In: DOMEZI, Maria Cecilia; BRANCHER, Mercedes (Orgs.). *Maria entre as mulheres: perspectivas de uma Mariologia feminista libertadora*. São Leopoldo: CEBI, 2009, p. 41.

Vencido o caminho montanhoso, em que cada passo deve ter sido acompanhado de profundas reflexões, finalmente acontece o esperado encontro com Isabel. A saudação de Maria movimenta os corpos e a história. Na saudação e no abraço das mulheres acontece outra revelação divina: vozes, corpos e fetos se reconhecem¹¹.

Sororidade na luta pela sobrevivência

Talvez o exemplo mais conhecido e comum de amizade entre mulheres na Bíblia seja o de Rute e Noemi, nora e sogra que voltam juntas, em parceria para terra de Judá após vários acontecimentos pesados em de suas vidas, cf. Rute 1-4. Após a morte do esposo de Noemi e de seus dois filhos, ela encontra-se à mercê da sociedade com sua as duas noras. Estimula-as para que voltem à terra natal e sejam acolhidas por seus familiares a fim de que possam sobreviver num contexto patriarcal. Uma delas, Rute, decide ir com Noemi e as duas retornam juntas à Belém (*Bet- Lehem* – casa do pão). É conhecida a frase de pacto e aliança que Rute faz com Noemi afirmando: “Onde tu fores, irei eu, onde pousares, ali pousarei eu, teu povo será meu povo, teu Deus, o meu Deus” (Rt 1.16). Elas decidem ficarem juntas, unidas e superar os desafios que a vida lhes impõe como as perdas familiares e as leis patriarcais da tradição judaica. Juntas, em apoio e amizade, partem para novos rumos e horizontes em suas vidas. Precisam encontrar estratégias para viver e não sucumbir diante da realidade da fome, pobreza, opressão e leis injustas.

São poucos e preciosos os espaços de suspeita e de saber saboroso que as mulheres (e poucos homens) latino-americanas temos sabido e conseguido conquistar. Espaços de proteção e de liberdade. Espaços para que Rute se encontre com Noemi para inventar artimanhas que arranquem dos homens o que eles não querem dar. Espaços de acolhida de Isabel e Maria (Lc 2), onde gravidezes inesperadas e suspeitas são protegidas e afirmadas como exceção e transgressão do sagrado. Espaços de re-escritura do texto e do fazer de teologia...¹²

Juntas, Rute e Noemi elaboram estratégias para a sobrevivência num contexto patriarcal do antigo Israel, onde era necessária a ação de um homem para com as mulheres viúvas. Assim, lembram-se do parente distante de Noemi, Boaz, que poderia ajudar Rute cansando com ela e resgatando assim as mulheres da dura situação. É a lei do Levirato – resgate que é colocada em prática cf. Deuteronômio 25.5-6 e citada na trajetória de vida de Rute e Noemi. Juntas sofrem, choram, juntas se reerguem uma à outra, juntas caminham

¹¹ RICHTER REIMER, 2013, p. 35.

¹² PEREIRA, Nancy Cardoso. Hermenéutica feminista: ¿camino de enemistad o espacios sabrosos? *RIBLA* – Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana, Quito, no. 50, vol. 1, p. 135-139, 2005, p. 139. Disponível em: <<http://www.claiweb.org/index.php/miembros-2/revistas-2#39-51>>. Acesso em: 20 set. 2016. (Tradução nossa)

rumo a novos horizontes, juntas pensam, sonham, agem, riem, trabalham e lutam por dignidade de vida. Juntas permanecem, Rute e Noemi, num novo contexto geográfico, familiar, emocional e espiritual.

Sororidade na luta por justiça e direitos

No Antigo Testamento percebe-se a história das cinco irmãs em Números 27.1-11, as mulheres que em conjunto atuaram para a preservação da vida e a defesa da propriedade. Este texto bíblico fala da ação em conjunto de cinco irmãs que tem seus nomes citados, denotando sua importância: Macla, Noa, Hogla, Milca e Tirza. Juntas pedem a Moisés que mude uma lei que favorecia somente os homens, ou seja, na ausência de um homem na família elas perderiam o direito à propriedade, pois o pai delas havia falecido. Moisés consulta a Deus que lhe responde: “O que as filhas de Zelofeade estão pedindo é justo. Você deve dar a elas uma propriedade. A herança do pai deve passar para elas” (Nm 27.7). Tal história é registrada e lembrada novamente em Nm 36.1-13. Este texto mostra a importância da ação em conjunto de mulheres da mesma família que lutam por justiça nas leis de sua época. “Elas se uniram e conseguiram mudar um sistema legal existente na época de Moisés. Assim que as mulheres se tornaram plenamente conscientes de seus problemas, compreenderam que é possível agir juntas para promover justiça, dignidade e equidade nas relações humanas.”¹³

Sororidade na defesa da vida

Em Êxodo capítulos 1 e 2 as mulheres encontram estratégias em conjunto para a defesa das crianças israelitas. São as parteiras do Egito que agem contrariando as ordens do faraó. Este exigiu que todos os recém-nascidos meninos israelitas deveriam morrer. Elas agem defendendo a vida, pois confiavam em Javé. Com a ação de Sufrá e Puá (Êx 1.15), parteiras e defensoras da vida, é retratado como a rede de solidariedade e apoio entre mulheres é formada para preservar a vida do menino Moisés, que viria posteriormente a ser uma pessoa chamada por deus para libertar o povo de Israel da escravidão no Egito¹⁴. Logo em seguida o livro de êxodo retrata a ação de outras mulheres, Miriam, irmã de Moisés e

¹³ SCHERER, Cristina. Sabedoria de mulheres promove mudanças. In: *Roteiro da OASE 2011*. São Leopoldo: Sinodal, 2011, p. 71.

¹⁴ Milton Schwantes aprofunda a ação libertadora das parteiras do Egito no livro: SCHWANTES, Milton. *Chamados à liberdade* – comentário bíblico a Êxodo 1-6. São Leopoldo: Oikos, 2016, p. 24-49.

Joquebede (Ex 6.20), sua mãe, bem como a filha do Faraó (Êx 2.5) que pede para que sua criada retire a criança do rio Nilo e solicitação, por intermédio de Miriam, que uma ama de leite seja trazida. Miriam avisa Joquebede e, desta forma, a própria mãe do menino permanece junto a ele para amamentá-lo e criá-lo (Ex 2.1-8). Mulheres agem juntas, criam redes de apoio, informação, solidariedade e estratégias de ação e luta pela defesa da vida, em oposição à opressão dos homens (faraó e seus soldados).

Sororidade no seguimento a Jesus Cristo

Marta e Maria, discípulas de Jesus. No capítulo 11 do evangelho de João é possível perceber a forte ligação e amizade entre Marta, Maria, Lázaro e Jesus. Em outro texto elas aparecem juntas recebendo o Mestre em seu lar. Marta e Maria em parceria, amizade e partilha, são discípulas ativas de Jesus Cristo e amigas do mestre, cf. Lc 10.38-42:

E aconteceu que, indo eles de caminho, entrou Jesus numa aldeia; e certa mulher, por nome Marta, o recebeu em sua casa; e tinha esta uma irmã chamada Maria, a qual, assentando-se também aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra. Marta, porém, andava distraída em muitos serviços; e, aproximando-se, disse: Senhor, não se te dá de que minha irmã me deixe servir só? Dize-lhe que me ajude. E respondendo Jesus, disse-lhe: Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária; e Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada. (Lc 10.38-42)

O fato de Jesus ir à casa de Marta e Maria demonstra sua profunda amizade com elas, irmãs que eram discípulas e companheiras de Jesus na missão. Em João 11.1-44 é citado que Jesus estimava muito esta família e vai ao enterro de Lázaro e chora (Jo 11.35). Na mesma situação Marta faz uma confissão de fé e exclama: “Sim, Senhor, eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, aquele que vem ao mundo” (Jo 11.27). Jesus estimava seus amigos e amigas, pessoas que lhe acompanhavam, o acolhiam conversavam e partilhavam a vida juntos e juntas. Pessoas em quem se podia confiar e apostar na missão, entre elas as mulheres amigas e discípulas do Mestre.

Também em Lucas há o relato de outras mulheres que, juntas, seguiam a Jesus e o auxiliavam com o que possuíam e sabiam. Eram Maria Madalena, Joana, Susana e muitas outras (Lc 8.2-3). Provavelmente apoiavam-se e partilhavam os desafios neste seguimento em amizade e fortalecimento mútuo entre lágrimas e risos, com jeitos, dons e saberes.

Desafios na missão também enfrentaram juntas as mulheres que foram ao túmulo de Jesus na manhã de domingo, após sua morte, e não o encontraram. Eram Maria

Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago cf. Lc 24.10. Foram comunicadas por um anjo que Ele estava vivo e receberam a missão de ir e anunciar aos demais que Jesus ressuscitara. Juntas partiram anunciara. Não foram ouvidas nem levadas a sério por Pedro e pelo discípulo amado cf. João 20.1-9. Provavelmente necessitaram de apoio, força, ânimo e consolo para que pudessem, mutuamente, resistir às dúvidas e incredulidade dos discípulos. Juntas, superaram os medos (Lc 24.5) e anunciaram com alegria e coragem a ressurreição de Jesus Cristo (Lc 24.8), com coragem, solidariedade, força e amor.

Sororidade no testemunho e liderança cristã

Assim como mulheres que foram testemunhas da ressurreição e discípulas de Jesus Cristo agiram juntas, com apoio, escuta e fortalecimento mútuo a fim de cumprirem a missão de ir e anunciar, também se observa no início do cristianismo a ação em conjunto de mulheres. Muitas delas foram líderes em suas comunidades, abrindo suas casas e apoiando a divulgação da Boa Nova do Evangelho.

Em Atos dos Apóstolos destaca-se a atuação de Maria e Rode, a empregada da casa que é valorizada e tem seu nome citado, denotando a relação de parceria e amizade que tinha com Maria, líder da comunidade cf. At 12.12-13. Lídia, comerciante independente, passa a crer na mensagem do evangelho e coloca sua casa à disposição da missão, cf. At 16.11-15, é uma líder importante da comunidade primitiva juntamente com tantas outras mulheres que apostam na mensagem do Evangelho e juntas se fortalecem e apoiam como Febe - a diaconisa, Priscila, Maria, Júnia, Trifena, Trifosa, Pérside, Júlia e outras citadas em Rm 16.1-16; Evódia e Síntique em Fp 4.2 e Lóide e Eunice, mãe e filha em 2 Tm 1.5. Mulheres que lideravam o início da missão cristã e abriam as portas de suas casas para deixar que mensagem do Evangelho fosse propagada e vivenciada por palavras e ações. Muitas delas atuaram juntas no cristianismo primitivo com seus dons e liderança onde cada pessoa era valorizada e acolhida para propagar o que Jesus Cristo ensinara: Vida Digna com Justiça, Paz, Amor e Perdão.

Sororidade nos momentos de festa e celebração

Em dois momentos centrais da história do povo de Deus, as mulheres aparecem em momento de celebração e festa. Miriam e as mulheres celebram a caminhada de libertação

do povo hebreu, povo que era escravo no Egito e fora libertado por Javé. Em Êxodo 15.20 fala da liderança de Miriam que celebra a vitória com outras mulheres. O nome de Miriam aparece em três momentos na sagrada escritura: quando conduz as mulheres e o povo para louvor, canto e dança pela vitória do povo Ex 15.20-21: “Então Miriam, a profetisa, a irmã de Arão, tomou o tamboril na sua mão, e todas as mulheres saíram atrás dela com tamboris e com danças. E Miriam lhes respondia: Cantai ao Senhor, porque gloriosamente triunfou; e lançou no mar o cavalo com o seu cavaleiro.” Em outra passagem bíblica Miriam e Arão reclamam contra Moisés sobre seu estilo de liderança e por isso, somente ela é castigada por deus ficando leprosa em Nm 12.1-15. Vale lembrar que o povo somente retira-se e segue adiante após Miriam retornar ao acampamento, demonstrando assim sua liderança e o respeito que todos tinham para com ela, também as mulheres do povo de Israel: “Assim Miriam esteve fechada fora do arraial sete dias, e o povo não partiu, até que recolheram a Miriã. Porém, depois o povo partiu de Hazerote; e acampou-se no deserto de Parã” (Nm 12.15-16). Em outra situação Miriam é lembrada ao lado dos irmãos como exemplo de liderança em Mq 6.4: “Pois te fiz subir da terra do Egito, e da casa da servidão te remi; e enviei adiante de ti a Moisés, Arão e Miriam.”

A festa é expressão do Reino de Deus onde todas as pessoas são convidadas, cf. Mt 22.1-14. As mulheres celebram com alegria a chegada do Reino de Deus por meio de Jesus Cristo. Outra situação de festa e celebração coordenada por mulheres ocorre no início da atuação pública de Jesus Cristo. Quando ele age como Messias enviado ao povo revela os sinais do Reino de Deus. O evangelho de João fala deste relato no capítulo 2.1-11, onde Jesus participa com Maria e outras pessoas de uma festa de casamento e ali, transforma a água em vinho. No momento da festa, atuação das mulheres é essencial, tanto através da liderança e presença de Maria quanto no momento de servir o bom vinho às pessoas convidadas para festa:

E, ao terceiro dia, fizeram-se umas bodas em Caná da Galiléia; e estava ali a mãe de Jesus. E foi também convidado Jesus e os seus discípulos para as bodas. E, faltando vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Não têm vinho. Disse-lhe Jesus: Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora. Sua mãe disse aos serventes: Fazei tudo quanto ele vos disser. (Jo 2.1-5)

E a festa dos nubentes e pessoas convidadas continuou porque a água foi transformada em bom vinho!

Em Lucas 15 outra festa é relatada, a festa de mulheres que encontram o que estava perdido e se alegram por isso. O texto conhecido como a história da moeda perdida afirma que uma mulher convida suas amigas e vizinhas para celebrar o encontro da moeda perdida: “Ou qual a mulher que, tendo dez dracmas, se perder uma dracma, não acende a candeia, e varre a casa, e busca com diligência até a achar? E achando-a, convoca as amigas e vizinhas, dizendo: Alegrai-vos comigo, porque já achei a dracma perdida” (Lc 15.8-9). Chama atenção o movimento que esta parábola traz com a ação da mulher expressa nos verbos: “perder, buscar, encontrar e comemorar.”¹⁵ Esta ação Jesus compara com o desejo de Deus para com todas as pessoas em seu Reino de alegria, de festa, de paz e amor.

Considerações Finais

Nas relações de sororidade apresentadas pela Bíblia percebe-se que Deus se revela e caminha ao lado, sendo um Deus amigo, solidário, cuidador e mantenedor dos pactos sorórios.

A amizade solidária diz: ‘Não somos propriedade nossa’; porém também diz: ‘Não estamos sozinhos’. Como modelo da relação Deus com o mundo, constata que não nos pertencemos a nós mesmos; porém ao mesmo tempo afirma não estamos abandonados a nós mesmos. Ao insistir na reciprocidade, o compromisso, a confiança, o projeto comum e a interdependência, nega a possessão, porém desafia à desesperança. É um modelo esperançoso: Deus está conosco, imanente ao mundo, como nosso amigo e colaborador, e imanente à comunidade de amigos chamada ‘igreja’, que é a reunião de pessoas comprometidas no projeto de um mundo curado e liberto¹⁶.

A sororidade é uma força capaz de mudar estruturas baseadas na injustiça, no poder dominador, na desunião, no desrespeito à dignidade humana presente na sociedade nas mais diversas formas. Cabe aos grupos de interesse vinculados à igreja darem um bom testemunho sobre a força das mulheres que agem em união, parceria, diálogo e empatia, como os grupos de ministras e outros, que desejam vida plena e digna para todas as pessoas, em especial para as mulheres. Vale afirmar que a sororidade:

[...] tem a ver com a ação ética – que é também política – de eliminar o jogo de preconceitos lançados com os piores interesses sobre as mulheres, muitas vezes esperando que elas mesmas venham a jogá-lo. As mulheres não vão mudar esse estado de coisas que as aviltam, sozinhas. A conquista de si mesmas, da autonomia, da soberania é algo que se pode fazer com as outras. A sororidade é

¹⁵ RADETZKI, Clair. Perder, buscar, encontrar, comemorar. In: *Roteiro da OASE 2017*. São Leopoldo: Sinodal, 2017, p. 105.

¹⁶ MACFAGUE, 1994, p. 277. (Tradução nossa)

uma prática diária de respeito às outras e de companheirismo em tempos de barbárie por meio da qual se busca uma vida melhor e mais justa para todo mundo¹⁷.

A teologia feminista quer fazer-se presente na vida da humanidade de modo a contribuir com relações mais justas e equitativas entre homens e mulheres. Ela revela o Deus que cuida, ama, é amigo e parceiro das pessoas na construção de um mundo melhor. Essa construção passa pelas relações humanas, entre elas, a amizade que entre as mulheres pode e deve ser valorizada, lembrando da força, do valor, da unicidade de cada mulher e como todas juntas podem contribuir para transformar realidades de dor e injustiças em realidades de vida e mais amor.

O feminismo propõe que este conceito vá mais além da solidariedade. A diferença radica em que a solidariedade tem a ver com um intercâmbio que mantém as condições como estão; enquanto que a sororidade tem implícita a transformação das relações entre mulheres. Em resumo, a sororidade se traduz em irmandade, confiança, fidelidade, apoio e reconhecimento entre mulheres para construir um mundo diferente; dar-se conta que desde tempos antigos há mulheres que trabalham para conseguir relações sociais favoráveis para elas e para nós, recordando sempre que todas somos diversas e diferentes¹⁸.

A sororidade é uma experiência¹⁹ que encoraja e fortalece as mulheres. É um fator importante para que as mulheres sintam-se empoderadas na vida, a fim de que haja aceitação de si mesma para poder assim, ajudar outras mulheres. O empoderamento afirma o poder de cada mulher como pessoa com sabedoria, poder relacional, poder – com. O poder de cada mulher está em apoiar mais as mulheres na vida. Este apoio ocorre quando a mulher assume posições de liderança na sociedade, é indicada para assumir cargos de liderança por outras mulheres; quando lidera, organiza, prega, testemunha e anima a caminhada de comunidades cristãs e ações da Igreja; quando é agente ativo na denuncia de casos de violências; acolhe e apoia as vítimas de violência; quando opõe-se ao patriarcalismo, sexismo, misoginia e formas de competição; quando fala bem das mulheres e lhes apoiam como parceiras de caminhada, dispendo-se a fortalecer o pacto entre mulheres em busca de justiça e respeito e afirmando que a amizade entre mulheres pode ser

¹⁷ TIBURI, Márcia. Prefácio. In: SOUZA, Babi. *Vamos juntas?* – O guia da sororidade para todas. Rio de Janeiro: Galera, 2016, p. 10.

¹⁸ MUJER PALABRA. *Que es la sororidad?* 2012. Disponível em: <<http://www.mujeupalabra.net/pensamiento/analisisfeminista/sororidad.htm>>. Acesso em: 10 out. 2016. (Tradução nossa)

¹⁹ Wanda Deifelt aprofunda a importância do termo “experiência” à luz da Teologia Feminista: DEIFELT, Wanda. Temas e Metodologias da Teologia Feminista. In: SOTER (Org.). *Gênero e Teologia – Interpeleções e Perspectivas*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2003, p. 175-176.

revolucionária: “Moça, esqueça a competição. Não somos rivais e isso é revolução.”²⁰ Nesta tarefa cotidiana de fortalecer os laços de sororidade a Sagrada Escritura quer inspirar e motivar as mulheres. A vivência da sororidade implica numa confiança, num cuidado, num querer bem, na aposta de que todas podem e sabem o que dissimula a competição e não dá espaço para a mútua destruição, rivalidade e inimizade.

A teologia feminista valoriza a experiência de vida das mulheres, dando visibilidade e valorizando estas experiências e relações. Cada mulher é especial e essencial com seus saberes e capacidades. Como afirma a feminista Chimamanda N. Adiche: “Nossa premissa feminista é: eu tenho valor. Eu tenho igualmente valor. Não ‘se’. Não ‘enquanto’. Eu tenho igualmente valor. E ponto final.”²¹ Se temos valor como mulheres, podemos valorizar e fortalecer a amizade entre mulheres nas relações e grupos cotidianos onde somos alimentadas por uma força motivadora baseada na aliança, no apoio, na solidariedade que transforma relações e vidas, tal qual a Sagrada Escritura nos revela e inspira. Vamos em sororidade?

Referências

ADICHE, Chimamanda Ngozi. *Para educar crianças feministas, um manifesto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BECKER, Márcia Regina; BARBOSA, Carla Melissa. Sororidade em Marcela Lagarde y de los Ríos e experiências de vida e formação em Marie-Christine Josso e algumas reflexões sobre o saber fazer-pensar nas ciências humanas. *Coisas do Gênero*, São Leopoldo, vol. 2 no. 2, ago./dez. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero/article/view/2883/2687>>. Acesso em: 25 set. 2016.

DEIFELT, Wanda. Temas e Metodologias da Teologia Feminista. In: SOTER (Org.). *Gênero e Teologia – Intepelações e Perspectivas*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2003.

HUNT, Mary. A noção de sexo entre iguais é uma contribuição lésbica ao pensamento ocidental. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, no. 199, Ano VI, 09 out. 2006. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=472&secao=199>. Acesso em: 10 out. 2016.

²⁰ SOUZA, 2016, p. 120.

²¹ ADICHE, Chimamanda Ngozi. *Para educar crianças feministas, um manifesto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 7.

LAGARDE y DE LOS RIOS, Marcela. *El feminismo en mi vida – hitos, claves e topías*. México: Instituto de las Mujeres del Distrito Federal, 2012.

MCFAGUE, Sallie. *Modelos de Dios – Teología para uma era ecológica y nuclear*. Santander: Sal Terrae, 1994.

MUJER PALABRA. *Que es la sororidad?* 2012. Disponível em: <<http://www.mujeopalabra.net/pensamiento/analisisfeminista/sororidad.htm>>. Acesso em: 10 out. 2016.

PEREIRA, Nancy Cardoso. Hermenéutica feminista: ¿caminos de enemistad o espacios sabrosos? *RIBLA – Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana*, Quito, no. 50, vol. 1, p. 135-139, 2005. Disponível em: <<http://www.claiweb.org/index.php/miembros-2/revistas-2#39-51>>. Acesso em: 20 set. 2016.

PÉREZ, Mónica. *Sororidad: nueva práctica entre mujeres*. México: CIMAC, 2004. Disponível em: <<http://www.mujeopalabra.net/pensamiento/analisisfeminista/sororidad.htm>>. Acesso em: 10 out. 2016.

RADETZKI, Clair. Perder, buscar, encontrar, comemorar. In: *Roteiro da OASE 2017*. São Leopoldo: Sinodal, 2017.

RICHTER REIMER, Ivoni. *Maria, Jesus e Paulo com as mulheres – textos, interpretações e história*. São Paulo: Paulus, 2013.

SCHERER, Cristina. Sabedoria de mulheres promove mudanças. In: *Roteiro da OASE 2011*. São Leopoldo: Sinodal, 2011.

SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. Mariologia, Ideologia de Gênero e o Discipulado de Iguais. In: DOMEZI, Maria Cecilia; BRANCHER, Mercedes (Orgs.). *Maria entre as mulheres: perspectivas de uma Mariologia feminista libertadora*. São Leopoldo: CEBI, 2009.

SCHWANTES, Milton. *Chamados à liberdade – comentário bíblico a Êxodo 1-6*. São Leopoldo: Oikos, 2016.

SOUZA, Babi. *Vamos juntas? – O guia da sororidade para todas*. Rio de Janeiro: Galera, 2016.

TIBURI, Márcia. Prefácio. In: SOUZA, Babi. *Vamos juntas? – O guia da sororidade para todas*. Rio de Janeiro: Galera, 2016.

TOMITA, Luiza Etsuko. A Teologia Feminista Libertadora: Deslocamentos Epistemológicos. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. [Anais eletrônicos]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010, p. 5. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278455084_ARQUIVO_FAZENDOGENEROFINAL.pdf>. Acesso em: 05 out. 2016.